49

31/1663

Projeto de Lei n.º 31/80
Documento n.º 1663/80

ORIGINAL ANEXO AO
PROC. N.º 147/80
EM 14/11/80

Senhor Presidente
Senhores Vereadores

O Papa João Paulo II, ao beatificar o Padre José de Anchieta, pôs fim a um processo iniciado em 1602. Foi um dos processos mais longos da história da Igreja e, com a beatificação, o Padre Anchieta poderá ser cultuado publicamente, ainda que de forma limitada: somente no Brasil, em Portugal e na Espanha, podendo ele, contudo, ter sua imagem nos altares destes países e estátua com auréola de santo.

Na reportagem sob o título *Anchieta - Beatificação 4 séculos Depois*, o Jornal "O Estado de São Paulo", em sua edição de 22 de junho último, publicou uma breve biografia sobre o Padre beatificado, a qual passamos a transcrever:

"José de Anchieta nasceu nas Ilhas Canárias, em 1534. Seu pai, um nobre espanhol de Biscaia, era tido como *comunero* (simpático às reivindicações dos trabalhadores braçais e lavradores) e, por isso, tivera de deixar sua terra, para isolar-se nas ilhas. Seu filho José foi recebido como noviço pelos jesuítas de Coimbra, Portugal, no dia 1º de maio de 1551, e enviado dois anos depois para o Brasil, na esquadra do segundo governador geral, Duarte da Costa.

Tinha ele então 19 anos. Era magro, de saúde débil, e muito jovem, mas ainda assim o provincial, padre Manuel da Nóbrega, considerou-o apto para as atividades de conversão dos índios. Desde então, Anchieta nunca mais retornou a Portugal ou à Espanha. Percorreu quase todo o litoral do País, até morrer, como o quinto provincial jesuíta, no dia 9 de junho de 1597, aos 63 anos, na praia de Reritiba, no Espírito Santo.

JNJR.

A Comissão de Justiça
São Vicente, 13/11/80

Durante a maior parte dos 44 anos em que viveu no Brasil, Anchieta permaneceu em extrema pobreza, exercendo as atividades de missionário, professor e até médico dos índios. Aprendeu logo a língua tupi (chegou a escrever uma gramática tupi), estudou a flora e a fauna, e escreveu muito: peças de catequese, peças teatrais didáticas e poemas, entre os quais o célebre *Poema à Virgem*, o qual diz a lenda que foi redigido com um bastão, sobre as areias de Iperoig, hoje Ubatuba. O poema tem 5.786 versos.

Teve participação bastante ativa na chamada *Guerra dos Tamoios*, quando os portugueses tiveram de combater esses índios, aliados dos franceses que pretendiam instalar-se na Baía da Guanabara, sob o comando de Villegaignon. Parece que seus atos durante esses conflitos entravaram, certa época, o processo de sua beatificação.

Embora a maioria dos historiadores conclua que Anchieta foi um ser humano de alma pura e benemérita, outros, apoiados em suas cartas à Companhia dos Jesuítas, sustentam que em algumas ocasiões foi bastante duro com os índios, muitos dos quais chegou a considerar *instrumentos do diabo* ou *agentes do demônio*. Para alguns, advogou até mesmo a conversão *à força*.

Os despojos de Anchieta perderam-se, em sua grande maioria, durante a confusão que reinou entre os remanescentes da Companhia dos Jesuítas após sua extinção pelo Papa, por imposição dos reis da família Bourbon, no século XVIII. Entre o pouco que se salvou, porém, está um de seus fêmures, doado a São Paulo em 1968 e que está hoje na capela do Pátio do Colégio.

Durante 378 anos a Igreja discutiu a beatificação. Ao longo desses quase quatro séculos, várias interrupções marcaram a tramitação do processo, a mais importante em 1760 quando o Marquês de Pombal expulsou os jesuítas do Brasil. Com a extinção da própria Companhia de Jesus, as tentativas junto ao Vaticano ficaram paradas por 117 anos."

Da mesma reportagem publicada pelo jornal paulista, sobre a paralisação das negociações entre as diversas cor-

JNJR.

rentes que pleiteavam a beatificação do Padre e o Vaticano, destacamos os seguintes trechos:

"José de Anchieta morreu no final do século XVI, em 1597, aos 63 anos de idade. Morreu com fama de santo e, em todo o Brasil, por ordem do provincial Pero Rodrigues, foram feitas homenagens à sua memória. O mesmo Pero Rodrigues ordenou ainda que o padre Querício Caxa escrevesse o primeiro documento sobre Anchieta — a 'Notícia Biográfica', com pouco mais de 30 páginas.

O padre Fernão Cardim levou-a para Roma, mas em sua viagem, passou por Portugal e Espanha, onde, durante o almoço nos colégios, lia o relato. Estimulado pela repercussão que a vida de Anchieta causava, Cardim escreveu a Pero Rodrigues, sugerindo ao provincial que em suas viagens pelo País levantasse dados, depoimentos, milagres — enfim, material para se pleitear junto ao Vaticano a canonização de Anchieta.

O levantamento foi feito inicialmente em São Vicente, Rio de Janeiro, Vitória e Porto Seguro."

"Em 1736, após três reuniões da Congregação dos Ritos, em Roma, o papa Clemente XII ratificou as decisões e, no dia 10 de agosto do mesmo ano, baixou decreto declarando José de Anchieta dotado de "*virtudes heróicas*" e modelo para todos os cristãos. Com o título de Venerável, o jesuíta já podia receber orações sem culto público."

"A Companhia de Jesus foi restabelecida em 1814, mas os jesuítas só retornaram ao Brasil em 1841. A beatificação voltou a ser lembrada no final do século, em 1877, quando o bispo de Olinda, D. Vital Maria Gonçalves de Oliveira, um capuchinho, resolveu pedir ao Papa a reintrodução da causa. O Papa na época, Pio IX, receberia uma carta da Princesa Isabel, reforçando o pedido.

Em 1878, respondendo à carta, hoje arquivada no Itamaraty, Pio IX dizia também desejar a beatificação, tanto que ordenara à Congregação dos Ritos a retomada do assunto. Chegou-se então ao momento de apresentar dois milagres atribuídos à An -

JNJR.

chieta depois de sua morte. O primeiro se referia a Manoel de Jesus, um rapaz picado no calcanhar por uma cobra. Aleijado, um dia ele se deitou sobre a lápide do túmulo de Anchieta e dali se levantou completamente curado.

O segundo milagre apresentado à Congregação dos Ritos foi a proteção especial que os jesuítas tinham contra as cobras. Não era normal o que acontecia com eles — não havia nenhum registro de qualquer um deles ter sido mordido. Roma, no entanto, rejeitou os milagres e aí surgiu o impasse. Seguiram-se inúmeros outros apelos, inclusive do governo federal, já neste século."

"Com o Concílio Vaticano II, de 1963 e 1965, foi dado maior importância à opinião dos bispos e com isso houve uma desburocratização no encaminhamento dos processos. Antes de morrer, o Papa Paulo VI chegou a retomar o assunto."

A partir da beatificação, o nome de José de Anchieta passou a fazer parte do catálogo dos Bem-aventurados, podendo receber culto público limitado, ter sua imagem nos altares e estátua com auréola de Santo. Isso tudo, somente no Brasil e Portugal, lugares onde trabalhou, e também na Espanha, onde nasceu, na ilha de Tenerife.

Para a canonização é preciso que novos milagres ocorram. Tornado Santo, o Padre José de Anchieta poderá ter Igrejas com seu nome e ser venerado universalmente.

A beatificação do Padre José de Anchieta é motivo de júbilo para todo o Brasil e coroa de êxito a longa jornada empreendida por centenas, talvez milhares de brasileiros que veneravam o Padre. A grande maioria não pôde assistir como nós, este verdadeiro marco religioso para a maior Nação católica do mundo; entretanto, até no anonimato eles colaboraram para que o processo de beatificação tivesse o desfecho que teve.

É motivo de júbilo maior para nós de São Vicente a beatificação de Anchieta, pela sua estreita ligação com esta terra que, por sua influência, excedeu os limites de simples pólo colonizador.

JNJR.

O afeto e o carinho que Anchieta tinha por São Vicente são atestados por vários historiadores, por meio de textos da época. Cumpre-nos ressaltar, também, que não faltam documentos comprovando a reciprocidade dos sentimentos mantidos por Anchieta para com os vicentinos.

Na publicação *Anchietana*, por exemplo, editada em 1965 e elaborada pela Comissão Nacional para as Comemorações do *Dia de Anchieta*, onde estão inseridos depoimentos valiosíssimos de estudiosos sobre a figura do jesuíta, bem como discursos e textos de diversos colaboradores, temos condições de verificar as inabaláveis relações entre Anchieta e São Vicente, especialmente no capítulo "*Anchieta e as Primeiras Famílias de São Paulo*", que reproduz palestra proferida pelo Padre Hélio Abranches Viotti S. J., a 14 de julho de 1965. A Comissão Nacional para as Comemorações do *Dia de Anchieta* foi instituída pelo Decreto Federal nº 55 588, de 18 de janeiro de 1965, complementado pela Resolução do Sr. Presidente da República, de 08 de março de 1965.

Pela leitura da obra *Anchietana*, idealizada e levada avante pela referida Comissão, é possível, como ponderou o Dr. Júlio de Mesquita Filho,... "dar-se conta o País das imensas proporções que assumiu no espírito público a influência exercida através de quatro séculos da nossa história aquele grande da Igreja Católica.".

Passaremos a destacar trechos dos documentos inseridos naquela valiosa obra, com o que, estamos certo, elucidaremos as ligações entre Anchieta e São Vicente.

Alfredo Gomes na *Epístola Rerum Naturalium* do Irmão José de Anchieta, afirma o seguinte: "No último de maio de 1560, em São Vicente, no Brasil, a derradeira povoação dos Portugueses, na parte Sul, Anchieta escreveu notável carta ao P. Diego Laynes, em Roma, Prepósito Geral da Companhia de Jesus. Firmou, como de costume: *Minimus Societatis Iesu*, o mínimo, o menor de todos, o último como se há traduzido, comparando-se ao dedo mínimo (*minimus digitus*, Plaut.) da maravilhosa mão atuante da benemérita Companhia de Jesus."

JNJR.

"Examinada a Carta de 31 de maio por técnicos, altamente especializados, à luz de conhecimentos alcançados no século XX, arrepiam-se, por vêzes, ante "enormidades em matéria de zoologia", sem estranhá-las, evidentemente, porque o Venerável nunca foi nem pretendeu ser naturalista ou zoólogo, podendo-se contudo, aceitá-lo como excelente observador, e até mesmo, bom zoógrafo e não medíocre geógrafo.

O propósito do presente trabalho, ao respigar, parcialmente o interessante documento, é precisamente, chamar a atenção para a atilada capacidade de observação do excepcional Traumaturgo do Brasil.

Escrevendo de São Vicente, Anchieta, dá-lhe a posição: "dista, da Equinocial para o Sul, vinte e três graus e ' meio, medidos de Nordeste a Sudoeste" explicando que lhe não é fácil precisar 'a aproximação e afastamento do sol, o curso dos astros, a diversa inclinação das sombras, as fases da lua, porque ' nunca estudei estas coisas', acentuando, inteligentemente, que não vê razão 'para que sejam diferentes do que se observa na Europa'.

Estando em hemisfério diverso, logo notou a ' contrariedade ou oposição das estações: "As estações do ano (olhando de perto) são aqui inteiramente às avessas de lá (Portugal, Europa); no tempo em que lá é primavera cá é inverno e vice-versa ; mas são tão temperadas que não faltam no inverno os calores do sol para suavizar o rigor do frio, nem no verão as brandas brisas e as úmidas chuvas para regalo dos sentidos; ainda que esta terra, da beira-mar (S. Vicente), é quase todo o ano regada por águas da chuva. Mas em Piratininga (que fica no interior a trinta milhas daqui — de São Vicente —, enganalada de campos espaçosos e abertos) e noutros lugares, que se lhe seguem para o ocidente, de tal modo se houve a natureza que quando o dia é mais abrasador com o ardor do sol (cuja maior força é de novembro a março) vem a chuva trazer- ' -lhe refrigério.

Sintetizando o admirável relato de Anchieta, ' que diz não poder explicar, com facilidade, os característicos as-

JNJR.

Como luz solar entre a luz da lua e das estrelas, se destacou nesse ministério a atuação e o exemplo do Venerável Padre José de Anchieta. O Brasil todo, de Itamaracá a Itanhaém, se edificou com a sua passagem. Maiores benefícios de seu ministério sacerdotal, de sua palavra ardente, de sua obra popular de poesia lírica e dramática, de sua catequese escrita ou falada, receberam a Bahia, o Rio, o Espírito Santo e sobretudo São Vicente. Nada mais houvesse, teria bastado o espetáculo de sua vida de santidade carismática, para causar nesses lugares a mais benéfica impressão.

Sobretudo a Capitania de São Vicente... Atribuindo o resultado da transformação espiritual da Capitania de São Vicente ao seu primeiro apóstolo (o Padre Leonardo Nunes), dizia Anchieta, na sua *Informação do Brasil*:...'ainda hoje se enxerga naquela terra um *nescio quid* de mais virtude, devoção e afeição à Companhia que em toda a costa'. Verdade proclamada, por sua vez, logo depois pelo Visitador Padre Cristovão de Gouveia.

Mas já alguns anos antes, a *Carta Ânua* de 1578, redigida pelo Padre Luís da Fonseca, nos fornece a chave para a interpretação desses textos: não fora apenas o apostolado de Leonardo Nunes, tão breve infelizmente... Quando, no ano anterior, pretendeu o Provincial Inácio Tolosa, levar consigo dali ao Padre Anchieta, se havia produzido em São Vicente um extraordinário movimento. O afeto que, após vinte anos de convivência dedicavam os vicentinos ao Padre Anchieta era tal, que já não concebiam ver-se privados de sua presença. E teve o provincial que lhes prometer a restituição de Anchieta para o mais breve que lhe fosse possível."

Foi nos arquivos desta Casa, muito bem cuidado e heroicamente conservado pelo funcionário Narciso Vital de Carvalho, que fomos buscar os dados que se seguem sobre a Biquinha de Anchieta, recanto que tenta, modestamente, registrar e perpetuar a passagem do Venerável por nossa terra.

A Biquinha de Anchieta sempre teve muita história para contar. Junto ao Morro dos Barbosas (antigo Outeiro de

JNJR.

São Vicente e depois Morro dos Padres), ela foi descoberta pelo Padre José de Anchieta, no ano de 1553. Nas imediações dessa bica, José de Anchieta ministrava lições aos índios Guaianás, que habitavam a região. Entendidos afirmam que a água pura da Biquinha tem propriedades espirituais e terapêuticas e que quem dela beber retorna, pelo menos uma vez por ano, a São Vicente.

Pela mágica união entre São Vicente e Anchieta, nossa cidade deve, a 9 de junho, *Dia de Anchieta*, instituído pelo ex-Presidente da República Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, promover comemorações alusivas à data, em homenagem ao Beato.

A título de sugestão para as comemorações, vale a pena lembrar que a Comissão Nacional para as Comemorações do *Dia de Anchieta*, por exemplo, em 1965, elaborou e promoveu o seguinte programa básico:

a. Celebração de missa campal rezada pelo então Cardeal Arcebispo de São Paulo, Dom Agnelo Rossi em altar armado no Pátio do Colégio;
b. realização de Ciclo de Conferências alusivas à figura do Padre José de Anchieta;
c. celebração de convênio com o Setor de Cinema da Universidade Nacional de Brasília, pelo qual a Comissão subvencionou a realização de uma fita sobre o Padre José de Anchieta;
d. celebração de convênio com a Escola de Arte Dramática de São Paulo, pelo qual a Comissão subvencionou representações públicas de autos de Anchieta;
e. realização de um concurso literário para obras sobre José de Anchieta;
f. confecção de placas de prata e bronze com figuras e dizeres alusivos à efeméride, com o objetivo de assinalar de maneira duradoura as comemorações da data.

Claro está que as comemorações vicentinas deverão se prender às limitações orçamentárias, fato que não nos permitirá o cumprimento de tão amplo, significativo e dispendioso

JNJR.

programa. O importante é que algo deve ser feito, com simplicidade, porque simples foi Anchieta, mas que seja feito com o coração, porque foi com seu grande coração que Anchieta ensinou a São Vicente e ao Brasil os primeiros passos.

Face a todo o exposto e considerando a necessidade da implantação em nossa cidade, das comemorações do *Dia de Anchieta*, submeto à apreciação do Plenário o seguinte

PROJETO DE LEI Nº 31/80
DOCUMENTO Nº 1663/80

Artigo 1º - Em homenagem à data de 9 de Junho, *Dia de Anchieta*, o Poder Executivo organizará, anualmente, comemorações alusivas ao acontecimento.

Artigo 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

SALA MARTIM AFONSO DE SOUZA, em 13.11.80.

a) RUBENS ALVES SIMÕES.

JNJR.

ARQUIVADO EM 20/11/80
ARQUIVISTA